



**UNILAB**

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
CAMPUS DOS MALÊS  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS**

**NÁDIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS MIRANDA**

**A RELAÇÃO DAS MULHERES CIGANAS EVANGÉLICAS  
EM SUAS COMUNIDADES**

São Francisco do Conde

2017

**NÁDIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS MIRANDA**

**A RELAÇÃO DAS MULHERES CIGANAS EVANGÉLICAS  
EM SUAS COMUNIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Caterina Alessandra Rea.

São Francisco do Conde

2017

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Miranda, Nádia Conceição dos Santos.

M643r

A relação das mulheres ciganas evangélicas em suas comunidades /  
Nádia Conceição dos Santos Miranda. - São Francisco do Conde, 2017.  
42 f: il.

Monografia - Curso de Humanidades, Instituto de Humanidades e  
Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-  
Brasileira, São Francisco do Conde, 2017.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Caterina Alessandra Rea.

1. Pentecostalismo - Brasil. 2. Mulheres convertidas ao  
pentecostalismo. 3. Elementos culturais. 4. Mulheres ciganas  
evangélicas. I. Título.

CE/UF/BSCL

CDD 270.82

---

**NÁDIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS MIRANDA**

**A RELAÇÃO DAS MULHERES CIGANAS EVANGÉLICAS  
EM SUAS COMUNIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

DATA DE APROVAÇÃO: 26/07/2017

**BANCA EXAMINADORA**

**Caterina Alessandra Rea – Orientadora**

Doutora em Filosofia pela Université Catholique de Louvain  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Cristiane Conceição Silva – Examinadora**

Doutora em Linguística pela UNICAMP  
Universidade Federal da Bahia - UFBA

**Jucelho Dantas da Cruz – Examinador**

Doutor em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Estadual Paulista - UNESP  
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, o autor da vida, por me conceder força e coragem para concluir mais uma etapa da minha vida acadêmica. Etapa essa que significa muito para mim, enquanto mulher negra e pertencente a uma família de baixa renda, sendo a primeira dentre os meus a ingressar no ensino superior.

Sou grata a minha família, em especial a minha mãe, Maria da Conceição (mulher guerreira, que trabalhou arduamente no plantio da cana-de-açúcar para sustentar a mim e aos meus irmãos), as minhas duas irmãs, Simônica e Paloma e ao meu irmão José Nilton que estiveram sempre de perto torcendo por mim e me auxiliando de todas as formas a fim de que eu pudesse chegar onde estou.

Agradeço também ao meu esposo, Diógenes Padilha, por sonhar junto comigo, me incentivar a não desistir, mesmo diante de vários obstáculos e por estar ao meu lado, demonstrando o seu amor de diversas formas, o que me dá uma injeção de ânimo a cada manhã. Por fim, não menos importante, agradeço as minhas irmãs e irmãos de Fé que oram e torcem por mim, também aos amigos e colegas que de forma direta e indireta cooperam para o meu crescimento pessoal e profissional e assim, fazem parte de mais esse degrau na minha caminhada.

## RESUMO

O presente trabalho discute a relação das mulheres ciganas que se converteram ao evangelho, sobretudo ao pentecostalismo, com as suas comunidades tradicionais. Busca compreender a vivência e o papel dessas mulheres no seio de suas famílias, procurando entender como os elementos da cultura pentecostal são traduzidos e funcionam nos grupos ciganos.

**Palavras-chave:** Elementos culturais. Mulheres ciganas. Pentecostalismo.

## **ABSTRACT**

This paper discusses the relationship of Roma women who have converted to the gospel, especially to Pentecostalism, with their traditional communities. It tries to understand the experience and the role of these women in their families, trying to understand how the elements of the Pentecostal culture are translated and work in the gypsy groups.

**Keywords:** Cultural elements. Gypsy women. Pentecostalism.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	9
<b>2</b>	<b>CAPITULO I: OS CIGANOS, QUEM SÃO?</b>	11
2.1	O PAPEL DA MULHER	12
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO II: CULTURA CIGANA X CULTURA PENTECOSTAL</b>	17
3.1	ELEMENTOS DA CULTURA CIGANA	17
<b>3.1.1</b>	<b>A oralidade</b>	17
<b>3.1.2</b>	<b>O casamento</b>	18
<b>3.1.3</b>	<b>O luto</b>	18
<b>3.1.4</b>	<b>A feminilidade da cigana, a dança e a música</b>	19
3.2	ELEMENTOS DA CULTURA PENTECOSTAL	21
<b>3.2.1</b>	<b>Conceito de Pentecoste</b>	21
<b>3.2.2</b>	<b>Igrejas pentecostais no Brasil e suas características</b>	23
3.2.2.1	<i>Congregação Cristã do Brasil (CCB)</i>	25
3.2.2.2	<i>Assembleia de Deus</i>	25
3.2.2.3	<i>Igreja do Evangelho Quadrangular do Brasil</i>	26
3.2.2.4	<i>Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA)</i>	27
3.2.2.5	<i>Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)</i>	28
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO III: A CONVERSÃO</b>	30
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	39
	<b>REFERÊNCIAS</b>	40
	<b>APÊNDICE - Questionário</b>	42

## 1 INTRODUÇÃO

As comunidades ciganas possuem elementos culturais marcantes e distintivos, como a leitura das mãos das pessoas para descrever o destino das mesmas (práticas realizadas por mulheres ciganas); uso de vestimentas características; casamento entre indivíduos da mesma comunidade entre outras particularidades.

Não diferente dos grupos ciganos, a cultura evangélica possui elementos acentuados. A Bíblia Sagrada é o livro condutor dessa religião, a qual proíbe qualquer prática de adivinhação, uma vez que apenas Deus, o criador de todas as coisas, é capaz de prever o futuro.

Olhando para as culturas acima, o presente trabalho buscou entender qual ou quais os agentes que levaram algumas mulheres ciganas (em especial as residentes na cidade de Santo Amaro – BA) a se converterem ao cristianismo, particularmente, em sua versão pentecostal. Como tais mulheres vivem em suas comunidades tradicionais (se vivem, é claro)? Os costumes ciganos foram abandonados ou incorporados às novas práticas?

O presente trabalho busca enriquecer o campo da pesquisa voltada para as comunidades ciganas no Brasil, expondo a heterogeneidade que há nessa cultura como fator que leva várias mulheres ciganas ao cristianismo. O mesmo dialoga com essas duas culturas distintas, apresentando as particularidades de cada uma, a cultura cigana e a cristã, no que tange o aspecto religioso e social.

E ainda, apresentar os costumes da cultura cigana e os elementos do Pentecostalismo; Registrar o(s) motivo(s) responsável(is) pela conversão das mulheres ciganas ao evangelho; Elencar quais hábitos ciganos foram abdicados frente às tradições evangélicas e descrever os impactos resultantes (relação familiar) da conversão frente às comunidades ciganas.

E para tanto, serão apresentadas as características da cultura cigana tomando como base artigos, livros e trabalhos acadêmicos que discutem acerca dessa cultura, além dos relatos de mulheres ciganas que atualmente professam a fé cristã. Ao passo que a cultura cigana for sendo assinalada será possível traçar um paralelo entre a mesma e a cultura Cristo Centrica.

Através da entrevista livre (relatos espontâneos) e da direcionada (utilização de questionários), será possível compreender quais elementos da cultura cigana foram deixados para trás, quais foram incorporados à nova cultura e como os ciganos não evangélicos enxergam o indivíduo que abandonou suas antigas práticas em favor das novas.

Utilizo, ao decorrer desse trabalho, de forma mais precisa, os/as escritores/as como Ana Cláudia Azevedo, que estuda os ciganos em Portugal; Constantino Ferreira que escreve sobre a origem dos movimentos pentecostais entre os ciganos da França; Marcos Silva Guimarães, doutor em Geografia Humana, que se debruça sobre os estudos da identidade e da diáspora cigana; o antropólogo Frans Moonen que faz um paralelo entre as políticas ciganas no Brasil e no continente europeu e a Ana Paula Santos, doutora em Sociologia, que descreve especificamente sobre a conversão dos ciganos ao pentecostalismo.

## 2 CAPITULO I: OS CIGANOS, QUEM SÃO?

A palavra “cigano” é carregada de significados, quando pronunciada pensa-se logo em um povo nômade, que não possui regras sociais, cujas mulheres vestem vestidos bem característicos e leem as mãos de outras pessoas. Mas quem são os ciganos? De onde eles vieram?

Primeiramente, “o vocábulo “cigano” é um termo genérico inventado na Europa no século XV, e que ainda nos dias atuais é utilizado apenas por falta de outro melhor” (MOONEN, 2013). Os ciganos estão divididos em três grandes grupos, os **Rom** (ou Roma) que falam a língua romani, eles estão mais presentes nos países balcânicos, no entanto a partir do século XIV migraram também para outros países europeus e para as Américas; Os **Sinti**, que falam a língua sintó, são mais encontrados na Alemanha, Itália e França, onde também são chamados Manouch e os **Calon** ou Kalé, que falam a língua calé, os “ciganos ibéricos”, que vivem principalmente em Portugal e na Espanha, mas com o passar dos tempos se expandiram também por outros países da Europa e foram deportados ou migraram, inclusive, para a América do Sul.

A abordagem mais aceita sobre a nacionalidade dos ciganos é que estes vieram da Índia, mais precisamente da região do Punjab, que fica situada no noroeste da Índia. Esse juízo está baseado em estudos sobre os grupos sanguíneos, cor da pele, grupos linguísticos etc. que encontraram fortes semelhanças dos ciganos espalhados pela Europa com os indianos. (FERREIRA, 2004).

De acordo com os estudos, a deportação dos ciganos portugueses para o Brasil se iniciou por volta dos anos 1686, como descreve Moonem (2013):

A deportação de ciganos portugueses para o Brasil, ao que tudo indica, só começou mesmo a partir de 1686. Dois documentos portugueses daquele ano informam que os ciganos deviam ser degredados para o Maranhão. Mas também outras capitânicas receberam ciganos. Mello Moraes Filho (1981) cita dois documentos de 1718, segundo os quais ciganos foram degredados para Pernambuco e a Bahia. Também há registro de ciganos no Ceará e em Sergipe.

Os primeiros ciganos que vieram para o Brasil foram deportados, logo não chegaram voluntariamente, mas foram obrigados a mudarem de país. Isso apresenta de certa forma, o

motivo pelo qual, até os dias atuais, eles são considerados indesejáveis nas suas localidades. Digo de certa forma, pois não é apenas por terem sido constringidos a se locomoverem, mas também pela sua diferença e pluralidade cultural, que será apresentada no próximo capítulo.

Já a maior parte dos ciganos que veio para o país tropical foi registrada no final do século XIX, conjuntamente com a primeira leva migratória de italianos, japoneses, alemães etc. E a segunda leva se deu ao longo da era de Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, conforme Brigitte Grossmann Cairus afirma em seu trabalho “Entre tradição e cibernética: a representação da cultura cigana na ficção contemporânea "Explode Coração"”:

De acordo com Teixeira (2007), a maior parte dos ciganos da Europa Oriental migrou para o Brasil no final do século XIX, juntamente com a primeira grande onda migratória de italianos, alemães, poloneses, russos, japoneses e gregos. A segunda onda migratória de europeus, incluindo ciganos, ocorreu antes e ao longo da Era Vargas e da Segunda Guerra Mundial, um período decisivo, marcado pela industrialização e pela construção de uma nova identidade brasileira, que iria abranger os recém-chegados (TEIXEIRA, 2007 apud CAIRUS, 2014, p. 8).

É muito importante citar os escritos do Cairus e Moonen sobre a migração dos ciganos para o Brasil, pois assim é possível, mesmo que de maneira incipiente, traçar quem são os ciganos brasileiros, ou seja, dizer a quais grupos eles pertencem.

É importante destacar aqui que, com essa diversidade de etnias e/ou clãs os traços culturais são diferentes entre os grupos e até dentro deles, o que não permite a generalização da cultura e de seus costumes entre todos os ciganos. Conforme descreve o professor cigano Alírio da Cruz “não existe o cigano genérico. Nem todos são nômades; nem todos falam romani; nem todos dançam ao redor de fogueiras ou usam roupas coloridas (como está fixado no imaginário popular); podem ser pobres ou ricos; podem ser cristãos, muçulmanos, judeus. Porém, algumas características permitem traçar um perfil comum a esses grupos: Espírito viajante, ainda que nem todos sejam nômades; sentem-se pertencentes a vários lugares; estão sempre fazendo negócios com seus pertences; não gostam de se submeter a leis e a regras que não sejam as suas; prezam acima de tudo a liberdade”.

## 2.1 O PAPEL DA MULHER

Em várias sociedades os papéis dos homens e das mulheres sempre foram distintos, desde as tarefas desempenhadas no mercado de trabalho até aquelas desenvolvidas no seio familiar,

conhecidas como "afazeres domésticos". Essas divisões, muitas vezes, são ligadas às características biológicas, segundo o determinismo biológico, que diferencia os homens das mulheres e assim, os homens tendem a enxergar as mulheres como o sexo mais frágil. Dessa forma, elas são sempre vinculadas aos serviços de cuidado com o lar, os filhos e o marido. No entanto, Laraia (1986) afirma que a diferença de comportamento entre os sexos não está vinculada às questões biológicas e sim culturais.

Apesar da realidade relatada acima vim se modificando ao decorrer dos anos, ainda há muitas sociedades em que esse cenário permanece inalterado, em que a figura da mulher ainda está relacionada à fragilidade e ao lar.

É o caso da cultura cigana, onde a mulher representa a ternura e a proteção espiritual dentro do lar. É de responsabilidade das mulheres o cuidado com as tarefas de casa, enquanto isso as meninas, que estão sempre ao redor da mãe, vão auxiliando nos trabalhos domésticos. As garotas também aprendem com suas mães as tradições e os costumes da sua cultura, como a leitura das mãos, as danças e a realização das cerimônias e dos rituais religiosos. As mulheres normalmente não trabalham fora de casa (realidade inclusive das mulheres que entrevistei), no entanto muitas delas vão às ruas para ler a sorte, tarefa compreendida como um cumprimento de tradições, mas também como parte do sustento da família.

Quando estive em visita a um dos acampamentos ciganos, situado no bairro da Subestação, na cidade de Santo Amaro, pude notar essas características, tive o prazer de conversar com 04 mulheres da família do então chefe dessa comunidade, a saber, a sua esposa, a filha, sua neta e sobrinha. Ao chegar na casa deles, vi essas mulheres sentadas embaixo de uma árvore conversando. A filha do líder do acampamento estava penteando o cabelo da filha dela, todas estavam num clima bem familiar; enquanto elas estavam ali, os homens estavam na rua trabalhando.

A filha do líder, que atualmente tem 28 anos, me confessou ter casado aos 15 anos e aprendeu desde cedo com sua mãe as tradições do povo cigano, bem como o papel que a mulher exerce na comunidade. No tocante às tradições, ela relatou que nunca realizou a leitura das mãos, ela também afirmou que esse não é um costume da sua família. Nesse primeiro momento, confesso já ter me surpreendido pelo fato de saber que nem todas as mulheres ciganas realizam a leitura das mãos.

**Figura 1** - Visita a acampamento cigano



Fonte: Diógenes Padilha (2016).

Ana Cláudia Azevedo em “Etnias de Portugal: o caso dos ciganos” também destaca sobre a diferença que há entre os sexos na cultura cigana. As meninas, por exemplo, aprendem quando jovens a tomar conta da casa e dos irmãos mais novos. Assim, elas representam um importante apoio à mãe, que é responsável por todas as tarefas domésticas. Este apoio tem também como significado o de educá-las para as suas futuras funções de donas de casa, quando casarem. Em contrapartida os rapazes são impulsionados a acompanhar o “pai de família”, ou outro membro masculino, nas suas atividades, como forma de iniciação ao “mundo do homem” (AZEVEDO, 2013).

Quanto ao casamento, a mulher cigana se casa bem jovem, na maioria dos casos, antes dos 20 anos. Thalita Gallucci Sotero (2011) junto com outros discentes do curso de jornalismo da PUC – Campinas afirma no blog que a noiva deve provar a sua virgindade através da mancha de sangue no lençol, esta é exibida para todos no dia seguinte, se comprovada a castidade a cigana veste-se com uma roupa tradicional colorida e coloca um lenço na cabeça. A autora ainda relata que caso a noiva não seja mais virgem, ela poderá ser devolvida para a sua família e esses terão que pagar uma indenização para a família do noivo. A família constitui, para este povo, o bem mais valioso que há na sociedade. Os casamentos ainda são acordados entre as famílias, no entanto há maior flexibilidade atualmente no que tange ao ouvir os noivos e saber se eles desejam a união ou não.

Uma das ciganas que faz parte da minha pesquisa, a qual teve grande importância na construção desse trabalho (por questão de ética não citarei o nome da mesma), casou-se aos dezessete anos e sua festa de casamento durou três dias. Ela afirma que depois do casamento começou a usar um pente envergado nos cabelos como sinal de que passou a ser uma mulher casada, esse é um símbolo dentro da comunidade, assim os garotos ciganos poderão identificar facilmente qual é a moça que aguarda um pretendente. Além disso, ela conta que as mulheres são bem vaidosas, usam várias pinturas e enfeites, entre eles: brincos, pulseiras e anéis de ouro, e muitas delas também utilizam dente de ouro puro.

Outro importante papel da mulher na cultura cigana é o de reprodutora de outros indivíduos, o que está ligado à continuidade e à sobrevivência do grupo social; nesse aspecto a cigana está sempre associada à figura do homem, quando ainda é solteira, é reconhecida como filha dependente do pai, ao casar passa a ser esposa e se o marido morrer ela passa a depender do seu filho. Tudo isso porque não é conferido a figura feminina o governo de sua própria vida (ARAÚJO, 2016).

**Figura 2** - Ciganas não evangélicas



Fonte: Diógenes Padilha (2016).

Nós ocidentais temos uma visão patriarcal do mundo, que vem, aos poucos, sendo desconstruída nas diversas esferas da sociedade, mas com muita facilidade olhamos para o papel da mulher nas comunidades ciganas e o criticamos, pois, as mulheres encontram-se como "subordinadas" à presença do homem. Esse olhar caracteriza-se como etnocêntrico, uma vez que tentamos enxergar a outra cultura a partir da nossa, o que caracteriza um erro. Roque

Laraia (1986) ao escrever o livro *Cultura, um conceito antropológico*, discute a respeito do etnocentrismo e chama a atenção para as diferenças que há entre os povos, diversidades essas que devem ser respeitadas, haja vista que cada cultura tem seus costumes e códigos peculiares à sua realidade. O lugar da cigana dentro da sua comunidade é também cultural e deve ser visto a partir da sua configuração.

### 3 CAPÍTULO II: CULTURA CIGANA X CULTURA PENTECOSTAL

Toda sociedade possui sua marca cultural (hábitos alimentares, vestuário, religião, etc.) que lhe é particular e se diferencia de outras sociedades. Nesse capítulo, falaremos sobre duas culturas bem diferentes: de um lado, estão as comunidades ciganas, que possuem seus elementos marcantes, como por exemplo, a leitura das mãos de outras pessoas com o objetivo de descrever o destino das mesmas, e do outro lado, está a cultura evangélica, que possui também suas particularidades bem acentuadas. A Bíblia Sagrada, por exemplo, é o livro condutor dessa última, a qual é contrária a qualquer prática de adivinhação, uma vez que apenas Deus, o criador de todas as coisas, é capaz de prever o futuro. Veremos a seguir essas diferenças:

#### 3.1 ELEMENTOS DA CULTURA CIGANA

Aqui não pretendo dar conta de todos os elementos da cultura cigana, mesmo porque são muitos, seria assunto para um livro, mas proponho expor algumas marcas que tornam esse povo tão singular e que aguçam o imaginário.

##### 3.1.1 A oralidade

A oralidade é um dos elementos da cultura cigana e de grande importância, pois é a forma de se passar os conhecimentos, os domínios e a cultura do seu povo para as gerações futuras. Segundo Borges e Costa (2011), as sociedades ciganas têm uma história de oralidade, não escrita, como forma de conhecimento do mundo, ao contrário da maioria dos ocidentais. Ainda sobre o aspecto da oralidade na cultura cigana Borges e Costa (2011) escrevem:

Em uma leitura de Almeida (2004), como se pode perceber, o fator primordial da oralidade na cultura cigana é o tempo, o que enfatiza as características inerentes dessa cultura via as trocas entre grupos, repercutindo suas danças e mistérios nas condições de vida em que estão inseridos, sejam estes nômades com suas condições mais limitadas ou grupos sedentários que já estão estabelecidos em uma estrutura que oferece um pouco mais de conforto.

O fator tempo, como exposto acima, não mudou ou interferiu na forma de transmissão da cultura entre os povos ciganos, uma vez que a forma de repassar o conhecimento ainda é o mesmo ao longo dos séculos. Isso nos mostra que a oralidade coletiva é eficiente naquilo a

que se propõe e é o meio que mantem as características dos ciganos vivas de geração em geração.

É através da oralidade (daquilo que é passado pela figura da mãe, seja por meio da fala em si ou da prática dos atos) que as mulheres ciganas aprendem como se vestir, se enfeitar, cuidar da sua casa, do seu marido e filhos. Foi isso que ouvi das mulheres ciganas que entrevistei, elas afirmaram que aprenderam tudo com a mãe e por meio da vivência em comunidade.

### **3.1.2 O casamento**

O casamento na cultura cigana acontece, normalmente, entre os rapazes e as “raparigas” (nome dado às moças que ainda não casaram) quando ainda são bem jovens e ocorre com os indivíduos que pertencem a mesma comunidade. A união geralmente não é realizada perante o registro civil, o que implica dizer que os direitos inerentes ao casamento formal são inexistentes (PROJETO ENCONTROS, 2010).

Conforme os dados do Observatório das Comunidades Ciganas (PROJETO ENCONTROS, 2010), os casamentos podem ser combinados entre os pais dos noivos durante a infância ou a juventude desses. Culturalmente é a família do rapaz que pedi a moça em casamento, fazendo assim um acordo com a família da noiva. No entanto, atualmente a rapariga pode fazer o pedido de casamento, por meio de seu pai, ao noivo.

O cenário que cerca o casamento cigano é um dos elementos que confere valorização à mulher, pois quanto maior for o número de pedidos que a moça recebe mais “valor” ela tem perante a sociedade, além dela ser vista como uma rapariga especial, ela poderá ainda recusar um ou mais pretendentes (o que configura um dos poucos privilégios que a mulher tem, levando em conta a estrutura patriarcal da cultura cigana). O casamento é praticamente a única forma que confere status social a pessoa, pois por meio dele o indivíduo pode ascender dentro da comunidade (PROJETO ENCONTROS, 2010).

### **3.1.3 O luto**

O luto é outro elemento bem característico das comunidades ciganas. Luto é o nome empregado ao período após o óbito de um familiar, em que os indivíduos se limitam nas suas

atividades e relações sociais. A duração deste período depende da aproximação que a família tinha com o falecido e também do grau de tradicionalismo do grupo familiar. As pesquisas do Observatório das Comunidades Ciganas exemplificam como se dão alguns lutos nas comunidades:

[...] quando o luto é do marido ou do filho, dura a vida inteira da viúva ou mãe; para o pai, os filhos respeitam o luto durante 2 a 3 anos; de um tio, são 3 a 6 meses de luto para os sobrinhos. Neste momento de luto, as regras são rígidas, e constroem particularmente a mulher. Muda o seu traje, que se reduz a umas roupas sóbrias e pretas; passa a usar o cabelo cortado; e lhe proibido o uso de joias e maquiagem. Estes elementos estão relacionados com a imagem da feminilidade, da atração que a mulher representa para os homens. Como respeito do familiar desaparecido, e lhe proibido representar ou suscitar alguma forma de desejo. Os homens passam a usar cabelo e barba compridos, além do tradicional traje preto. Ambos os gêneros vêm os seus direitos a diversão muito limitados: a festa, a música e o álcool são então banidos da sua vida (PROJETO ENCONTROS, 2010).

O luto ainda, segundo o Observatório, é o sinônimo de uma separação com o convívio social, a alegria, as festas etc. O intuito é o prolongar da dor. E também significa uma perda de identidade, de valor social, particularmente no caso da mulher, pois esta passa a ser a “viúva de”, ela é vista dessa forma, a partir da figura do macho; ela perde também direitos sociais e passa a ser menos considerada dentro da sua comunidade, já que ela perdeu aquilo que lhe conferiria poder e sustento (o homem) (PROJETO ENCONTROS, 2010).

### **3.1.4 A feminilidade da cigana, a dança e a música**

Outra marca da cultura cigana são os trajes característicos que são utilizados, em especial pelas mulheres. Segundo o blog "Encanto da Cigana" (CAVALHEIRO, 2013), a mulher cigana é bem vaidosa, usa vestidos, saias longas, batas e blusas com muitos babados e com várias cores, onde cada uma das cores tem seu significado. Suas vestimentas são de tecidos finos, como seda, cetim, entre outros, algumas peças são confeccionadas com linhas de ouro, cobre e com várias pedras como Rubi, Jade, etc. Os cabelos das ciganas também fazem parte do seu visual e via de regra são compridos, abaixo da cintura, sempre hidratados com ervas e frutos.

As ciganas além do cuidado com as vestimentas zelam pela saúde da pele, por isso fazem uso de perfumes, sabonetes, cremes e shampoo a base de rosas e flores; utilizam também batons, sombra, e outros tipos de maquiagem que realçam seus traços e beleza. Além dos cosméticos, elas não dispensam o uso várias joias (como pulseiras, anéis, colares e brincos e também

dentes de ouro que simbolizam riqueza) tanto que a marca registrada dos ciganos é o Ouro, Rubi, Jade e cobre, conforme descrição da Adriana Cavalheiro.

Outro elemento é a musicalidade e a dança cigana. Adriana Cavalheiro (2013) afirma também, em seu blog, que os ciganos adoram dançar e que a dança e a música estão presentes na vida deles desde o nascimento, assim ela descreve:

Desde criança os ciganos ouvem vários instrumentos musicais e ritmos e aprendem os significados de cada passo e cada movimento. A dança cigana é uma das tradições que mais encanta e fascina. A dança cigana é dividida em vários instrumentos dependendo do país, e também são classificadas, como: A dança com Pandeiros, A dança com Leque, A dança com punhal, A dança com lenços-chamadas de 7 véus.

Cavalheiro (2013) também cita os nomes de algumas das danças ciganas, são elas: A dança da magia do fogo, da Água, Terra, Vento e Sol (mais uma vez é possível perceber a relação entre os ciganos e as forças da natureza); a dança Flamenca, Ballet cigano, a dança com espadas, com potes de água e até mesmo com garrafas de bebidas nas mãos.

Friso aqui, mais uma vez, que nem todos os ciganos têm os mesmos costumes e tradições. Para os calons, grupo ao qual pertence o professor cigano Alirio da Cruz, esta questão do essencialismo musical passa bem longe. Conforme relato do professor, várias comunidades ciganas, como a exemplo a comunidade Calon, tendem a apreciar a musicalidade local, ou seja, os ritmos e canções típicas das localidades onde as comunidades se instalaram.

Normalmente, no Brasil, conforme relata Adriana Cavalheiro (2013), são usadas as danças de acampamento com os ritmos dos pés e sons dos pés, por vezes acompanhadas de pandeiro e violão. No acampamento cigano em que estive situado no bairro do Sacramento, uma das ciganas me relatou que gosta muito de dançar e afirmou que a dança alegra o ambiente. Geralmente nas festas, em que ela participa, as danças são realmente ao som dos pés e das mãos.

No âmbito da musicalidade cigana é possível perceber o quanto o Hino Cigano, por exemplo, carrega na sua letra as características desse povo, entres elas estão o nomadismo que durante muitos anos foi a marca dos ciganos (como atualmente ainda existem alguns ciganos nômades); outra característica é a menção aos festejos que sempre realizam, apesar das

perseguições; são retratados também os conflitos que os ciganos viveram com as autoridades civis das localidades por onde passaram. E a outra marca bem evidente no hino é a força que esse povo tem para lutar em prol dos seus objetivos e da própria sobrevivência. Segue o hino:

Caminhei, caminhei longas estradas  
 Encontrei-me com romá (ciganos) de sorte  
 Ai, ai ciganos, ai jovens ciganos  
 Obrigado rapazes ciganos  
 Pela festa louvor que me dão  
 Eu também tive mulher e filhos bonitos  
 Mataram minha família  
 Os soldados de uniforme preto  
 Ai, ai ciganos, ai jovens ciganos  
 Cortaram meu coração  
 Destruíram meu mundo  
 Ai, ai ciganos, ai jovens ciganos  
 Pra cima Romá (Ciganos)  
 Avante vamos abrir novos caminhos  
 Ai, ai ciganos, ai jovens ciganos!!!  
 (VISHNEVSKY, 1971 apud ANDRADE JÚNIOR, 2013).

## 3.2. ELEMENTOS DA CULTURA PENTECOSTAL

### 3.2.1 Conceito de Pentecoste

A palavra Pentecostes vem do grego, pentekosté, e significa o quinquagésimo dia após a Páscoa. O termo “pentecostal”, conforme escreve Fernandes (2006), é oriundo do vocábulo Pentecostes que é o nome atribuído, no Antigo Testamento, a uma das três festas do povo Judeu: a festa da Páscoa, Pentecostes e a festa dos Tabernáculos.

Fernandes (2006) afirma que a festa de Pentecostes, no Antigo Testamento, marcava o princípio da colheita do trigo, e funcionava como uma espécie de santificação do povo durante todo o período da colheita. Nessa solenidade, os israelitas ofertavam o melhor do fruto da terra, os primeiros grãos e frutas colhidas para Deus; essa era a forma de serem gratos a Deus por todo o período da colheita, que simbolizava a prosperidade e a benção divina para o povo.

A festa do Pentecostes era também conhecida como a festa das semanas, porque observava sete semanas depois da Páscoa, conforme está escrito na Bíblia Sagrada, no livro chamado de Deuteronômio: “Sete semanas contarás; desde que a foice começar na seara iniciarás a contar

as sete semanas. Depois celebrarás a festa das semanas ao Senhor teu Deus; o que deres será oferta voluntária da tua mão, segundo o Senhor teu Deus te houver abençoado” (Dt 16, 9 e 10) (BÍBLIA, 2013).

A comemoração do Pentecoste também é denominada de Festa das Primícias, pois todos os israelitas deveriam levar como oferta para Deus os primeiros frutos colhidos na sega (colheita de cereais). Essa prática era a forma dos israelitas demonstrarem gratidão a Deus, conforme está descrito em dois dos livros que compõe a Torá, Números e Êxodo: "Semelhantemente, tereis santa convocação no dia das primícias, quando oferecerdes oferta nova de alimentos ao Senhor, segundo as vossas semanas; nenhum trabalho servil fareis" (Nm 28: 26) (BÍBLIA, 2013).

"E a festa da sega dos primeiros frutos do teu trabalho, que houveres semeado no campo, e a festa da colheita, à saída do ano, quando tiveres colhido do campo o teu trabalho; As primícias dos primeiros frutos da tua terra trarás à casa do Senhor teu Deus” (Êx 23, 16 e 19) (BÍBLIA, 2013).

Já no Novo Testamento, o Pentecostes toma uma outra dimensão, segundo Fernandes (2006), tratando da comemoração da descida do Espírito Santo (ES) sobre a Igreja. Esse fato ocorreu cinquenta dias após o domingo de páscoa, dia em que se deu a conhecida ressurreição de Jesus Cristo. O livro de Atos dos Apóstolos relata como sucedeu a efusão do Espírito Santo:

Chegando o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos num só lugar. De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava (Atos 2:1-4) (BÍBLIA, 2013).

Os judeus que receberam o ES foram equipados com dons espirituais (como a exemplo, o de falar em outras línguas) para realizarem a obra de Deus. O dom de falar em outras línguas foi manifestado, no dia de pentecoste, através dos discípulos, quando estes começaram a falar das maravilhas de Deus nas línguas originais dos diversos povos que ali estavam representados, pois era de costume, durante a festa de pentecoste, se reunirem na cidade de Jerusalém, cidadãos partos e medos, elamitas, da Capadócia, da Ásia e de diversas nações, segundo relata o livro de Atos dos Apóstolos (cap. 2,9) (BÍBLIA, 2013).

O fato foi bastante curioso, pois todos os discípulos que receberam o Espírito Santo eram pertencentes a região da Galileia e não conheciam os demais idiomas, no entanto, eles falaram das grandezas de Deus, em outros idiomas após receberam o poder do ES.

A descida do ES marca o nascimento da igreja primitiva, bem como a expansão do Evangelho que Jesus Cristo pregou, enquanto esteve na terra, pois após os discípulos do messias receberem o Espírito Santo, eles começaram a anunciar sobre a vida, morte e ressurreição do Cristo por onde quer que fossem.

### **3.2.2 Igrejas pentecostais no Brasil e suas características**

As igrejas evangélicas denominadas de pentecostais vêm crescendo no Brasil e são reconhecidas por partilharem das mesmas doutrinas cristãs, como a do pecado original, a salvação pela fé, escatologia e santificação, bem como pela ênfase à doutrina do batismo com o Espírito Santo; O ensino de que os dons espirituais são para os dias atuais e não apenas para a igreja primitiva; o aproveitamento do leigo na igreja; liturgia informal, com oportunidades para testemunhos e cânticos acompanhados por palmas.

Antes de começar a falar a respeito das características de algumas das maiores igrejas pentecostais no Brasil, faz-se necessário destacar aqui alguns pontos da Reforma Protestante, uma vez que é no mínimo complicado dissociar a Reforma do Pentecostalismo. A mesma marcou a história do Cristianismo no início do século XVI, quando em outubro do ano de 1517, um monge da igreja católica, chamado Martinho Lutero, tornou do conhecimento de todos o seu protesto, afixando à porta da Igreja do Castelo, em Wittenberg, as suas 95 teses (BOYER, 1995 apud FERNADES, 2006, p. 29).

Os 95 pontos destacados por Lutero no seu protesto contra o sistema de venda de indulgências teriam refutado a postura da Igreja Católica Romana, considerada herética por vários autores. No entanto, Lutero não estaria com a intenção de atacar a Igreja Romana; antes, ele pensou em fazer a defesa do Papa contra os vendedores de indulgências (BOYER, 1995, apud FERNANDES, 2006, p. 29).

Martinho Lutero defendia a ideia de que todos poderiam receber a revelação divina, expressa na Bíblia Sagrada, sem a intervenção do sacerdote romano. Foi a partir desse entendimento de

Lutero que o leigo passou a interessar-se pela alfabetização, pois havia um motivo especial para isso (o acesso às sagradas escrituras); dessa forma, todos poderiam "ouvir a voz de Deus". Não foi apenas esse paradigma que foi quebrado, o outro que foi quebrado pelo reformador foi a ação de realizar a tradução da Bíblia para a língua Alemã no ano de 1521. Até a Reforma Protestante, somente a tradução oficial Católica Romana, a Vulgata, era conhecida (FERNANDES, 2006, p. 30).

O resultado da Reforma Protestante, iniciada na Alemanha e que dissipou-se por todo o norte da Europa foi o estabelecimento de igrejas nacionais que não tinham obediência, ligação e nem fidelidade a Roma, dando início, dessa forma, ao que é chamado de Protestantismo.

Mas o que é Protestantismo? Protestantismo é o termo utilizado para designar um amplo conjunto de Igrejas Cristãs, que embora tão diferentes entre si, compartilham princípios fundamentais como o da salvação pela graça de Deus mediante a fé; o reconhecimento da Bíblia como autoridade suprema e sacerdócio comum de todos os fiéis, contrapondo, assim os vendedores de indulgências e a noção da salvação meritocracia (FERNANDES, 2006).

Seguindo ainda a linha da Reforma e a sua ligação com o Pentecostalismo, este pode ser compreendido ainda como um desdobramento da "liberdade de interpretação" postulada por Lutero, no período em que se deu a Reforma (CAMPOS JR., 1995 apud FERNANDES, 2006).

Sobre a evidência do pentecostalismo no Brasil, Rubeneide Fernandes (2006) escreve:

Pentecostalismo começou a ficar publicamente evidente a partir de 1901, sendo reconhecido por alguns autores como Pentecostalismo Clássico. O Pentecostalismo Clássico é a tipologia utilizada por alguns autores, dentre eles Mendonça (1989), Freston (1993), para denominações de origem missionária norte-americana tais como: Assembleia de Deus, Congregação Cristã, Evangelho Quadrangular e inúmeros outros dissidentes destas.

Dentre as várias igrejas evangélicas pentecostais que existem no Brasil, destaco na presente pesquisa, as cinco das maiores e conseqüentemente as mais conhecidas no país, a saber, Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Universal do Reino de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular e Igreja Deus é Amor.

### 3.2.2.1 Congregação Cristã do Brasil (CCB)

A Congregação Cristã nasceu em 1910, sob a liderança de Luigi Francescon, após ele e mais 20 pessoas aceitarem à mensagem do evangelho (anunciada por cristãos presbiterianos). Segundo escreve Isael de Araújo, inicialmente, eles foram chamados de Igreja Pentecostal Italiana, pelo motivo dela ter se espalhado por onde existiam colônias italianas, notadamente na região Sudeste do país, principalmente nos Estados de São Paulo e Paraná, onde até os dias atuais se concentram.

A Congregação Cristã tem como uma de suas características teológicas a crença na doutrina da predestinação (a qual defende a ideia de que Deus teria predestinado algumas pessoas para a salvação e outras não). Ela também possui alguns costumes que a diferencia das outras denominações, como o uso do véu, no caso das mulheres e a prática do ósculo santo entre os membros da denominação. Outro ponto diferencial é a negação à forma de “organização humana”, como eles chamam o fato de pastores liderarem igrejas. No entendimento da CCB o único pastor é Jesus Cristo, não havendo necessidade, dessa maneira, de nomear homens para “apascentar” a igreja. Eles defendem a figura do ancião como a pessoa que é capacitada para aconselhar os fiéis nas diversas questões da vida e para explica-lhes a Palavra Sagrada.

Tais fatos podem ter impedido o relacionamento da Congregação com o único grupo que também defendia o pentecostalismo no Brasil naquela época. A igreja tem dois nomes registrados: Congregação Cristã no Brasil, para igrejas no Brasil, e Congregação Cristã do Brasil, para igrejas no Exterior.

### 3.2.2.2 Assembleia de Deus

A igreja Assembleia de Deus foi fundada por dois jovens, a saber, Daniel Berg e Gunnar Vingren, esses dois operários suecos entenderam que Deus os tinham chamado para a realização de uma obra evangelística no Brasil. Por isso vieram para o país tropical, mais precisamente para a cidade de Belém do Pará, chegaram aqui no dia 19 de novembro do ano de 1910. A princípio congregaram na igreja Batista, no entanto, as ideias dos mesmos não foram aceitas nessa instituição, uma vez que eles defendiam o ideal pentecostal. Por isso, afastaram-se e fundaram a igreja Assembleia de Deus, quase um ano após a chegada deles ao Brasil, em junho de 1911.

Sobre o primeiro contato desses missionários com a Igreja Batista no Brasil, Conde (2005 apud CORDOVA, 2012) escreve:

Como Daniel Berg e Gunnar Vingren estivessem até aquele momento ligados à Igreja Batista na América (as igrejas que aceitavam o avivamento permaneciam com o mesmo nome), Justus Nelson os acompanhou à Igreja Batista, em Belém e os apresentou ao responsável pelo trabalho, pastor Raimundo Nobre. E, assim os missionários passaram a morar nas dependências da igreja.

Apesar de estarem alocados nas dependências da Igreja Batista, na rua Balby n.º 406, sem muito conforto, eles permaneciam em orações e súplicas a Deus. Não demorou muito e eles começaram a falar a língua portuguesa e assim, deram início aos trabalhos evangelísticos (anunciando a mensagem sobre a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo), e doutrinavam a respeito do batismo como Espírito Santo. No entanto, na pequena igreja, muitos dos que ali congregavam opunham-se com grande resistência, aos ensinamentos dos dois missionários suecos (CORDOVA, 2012).

No dia 8 de junho de 1911, uma mulher, cujo nome era Celina Albuquerque, pertencente à Igreja Batista, recebeu o batismo com o Espírito Santo. Ela foi a primeira pessoa, em solo brasileiro, a ter essa experiência. Por conta do choque doutrinário, os dois missionários, a irmã Celina e outros membros e congregados foram expulsos do templo e organizavam, no dia 18 de junho de 1911, na residência de Henrique Albuquerque, no bairro da Cidade Velha, Belém, a primeira igreja no mundo a adotar a denominação de Assembleia de Deus. Gunnar Vingren foi, então, aclamado o primeiro pastor da igreja (CORDOVA, 2012).

Essa denominação é atualmente, segundo os dados do IBGE (2010), a maior Igreja pentecostal do Brasil.

### *3.2.2.3 Igreja do Evangelho Quadrangular do Brasil*

Foi fundada no ano de 1951, em São João da Boa Vista, no estado de São Paulo, por Harold Edwin Willians, missionário norte americano. A igreja, primeiramente, recebeu o nome de Igreja Evangélica do Brasil. Os cultos destacados pela ênfase nas curas milagrosas e pela informalidade atraía muitas pessoas e assim a igreja ia ganhando espaço (ARAÚJO, 2016).

Em 15 de novembro de 1951 deu-se a primeira reunião da Igreja Quadrangular e a data é considerada pelos fieis dessa igreja como a de seu nascimento no país. Willians, em 1952, foi para a capital de São Paulo com o intuito de realizar campanhas evangelísticas e assim, tornar o evangelho ainda mais conhecido. Em 1953 Willians e seu amigo e também missionário, Raymond Boatright, vindo dos EUA, realizaram uma cruzada no templo da Igreja Presbiteriana, que fora cedido para o evento. Conforme relata Isael de Araújo, em um curto período de tempo, a dupla reunia multidões em eventos realizados em espaços públicos, templos emprestados e etc.

Araújo (2016) também descreve que a repercussão dos cultos foi tão alarmante que ocorreu, várias vezes, superlotação na igreja, assim, Willians aceitou do seu amigo Raymond uma lona de circo que conseguia abrigar 3 mil pessoas. Sobre esse "novo lugar" de reunião Araújo (2016) escreve:

O presente foi trazido pelo pastor Raymond Boatright e logo passou a abrigar as suas cruzadas. A utilização de tendas nasceu da iniciativa de Aimeé Semple McPherson, a fundadora da denominação nos Estados Unidos. Os primeiros eventos foram realizados nos bairros paulistas de Barra Funda e Cambuci, atraindo mais de mil pessoas. Em seguida, passaram ao bairro de Água Branca, e dali para o salão da Rua Brigadeiro Galvão 713. O trabalho sob as tendas prosseguiu e, em cada novo lugar onde eram estabelecidas, davam origem a um núcleo que se constituía em uma nova igreja.

A Igreja Quadrangular introduziu uma estratégia nova para divulgar o evangelho no Brasil, pois até o seu surgimento, a realização de cruzadas evangelísticas não era uma prática comum no país. A lona, ficou como uma marca registrada da denominação e ainda é utilizada como estratégia de implantação de igrejas (ARAÚJO, 2016).

#### *3.2.2.4 Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA)*

A Igreja Deus é Amor foi fundada em 3 de junho de 1962, em São Paulo, pelo missionário David Martins Miranda. A IPDA nasceu a partir de uma revelação que David Miranda confessa ter recebido de Deus. Segundo relato do missionário Miranda, após ter orado insistentemente a Deus obteve resposta; ele diz ter ouvido a voz do Criador dizendo que o faria líder de uma grande obra e que por intermédio dele muitas pessoas seriam curadas.

A Deus é Amor tem sua liderança composta de líderes ministeriais, pastorais e presbiterais. Acreditam no batismo por imersão nas águas, sendo que este só pode ser realizado em adultos (tem consciência dos seus atos) que fazem a profissão pública de fé. Os casamentos na IPDA são celebrados apenas pelo pastor da denominação e só deve ocorrer entre os evangélicos. A igreja enfatiza a importância dos fiéis demonstrarem testemunhos de fé e a manifestação dos dons espirituais.

A sede nacional da referida denominação está localizada na cidade de São Paulo, no templo inaugurado no ano de 2004 e tem a capacidade para mais de 60 mil pessoas. Segundo Araújo (2016), o templo é chamado pelos fiéis da IPDA de O Templo da Glória de Deus. Conforme os dados fornecidos por Isael de Araújo, em 2007 a igreja contava com 11 mil templos no Brasil (três mil somente em São Paulo) e está espalhada em mais de 136 países.

O líder e fundador da igreja, David Miranda, morreu em 2015 e a sua esposa, Ereni Miranda, foi aprovada pela igreja para substituir a presidência da instituição em lugar do seu marido.

#### *3.2.2.5 Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)*

Em 1977, no Rio de Janeiro, foi estabelecida por Edir Bezerra Macedo, Romildo Ribeiro Soares (conhecido como R. R. Soares, atual líder da Igreja Internacional da Graça de Deus) e Roberto Augusto Lopes a Igreja Universal. Araújo (2016) diz que a data oficial de fundação da IURD foi 9 de julho de 1977 e escreve também como se deu o crescimento da mesma:

O número de membros cresceu, e as reuniões passaram a acontecer num antigo cinema, o Bruni Méier, passando depois para outro cinema, o Ridan, no bairro de Piedade, também Zona Norte carioca. Os encontros depois se transferiram para um pequeno galpão na Avenida Suburbana, onde antes funcionava uma funerária. [...] Em seguida, vieram as igrejas do Grajaú, Campo Grande, Duque de Caxias e Nova Iguaçu (Rio de Janeiro). Gradualmente, as igrejas se espalharam por todos os bairros da cidade.

Após alguns desentendimentos entre os fundadores, Edir Macedo tornou-se o líder principal da IURD, enquanto Romildo Soares fundava a igreja Internacional da Graça e Lopes voltava à sua igreja de origem, a igreja Nova Vida. A Igreja Universal, sob a liderança de Macedo, foi ganhando notoriedade nos países onde se instalava (atualmente ela está presente em mais de 100 países das Américas, África, Europa e Ásia), baseada no discurso da prosperidade

financeira e do sucesso ela conseguiu e consegue juntar milhares de pessoas. Ainda sobre o crescimento da Universal, Isael Araújo (2016) relata:

[...] A sua sede mundial, conhecida pelos seguintes títulos, o Templo Maior, o Templo da Glória do Novo Israel e Catedral Mundial da Fé, está localizada na avenida Suburbana 4.242, no bairro de Del Castilho, zona norte no Rio de Janeiro (RJ). Foi inaugurada em 1999, com a capacidade para 12 mil pessoas sentadas e com um amplo complexo administrativo da igreja. Em oito anos de existência, a IURD já dispunha de 195 templos em 14 estados brasileiros e no Distrito Federal, número que quase dobrou dois anos depois.

Além da ênfase na teologia da prosperidade há outros elementos que contribuem para o amplo crescimento da IURD, como por exemplo, o fato de Macedo ter uma rede de TV sob sua posse e ligada ao nome da igreja lhe confere muita visibilidade, com programações voltadas ao público evangélico, entre elas estão a produção de novelas, desenhos, séries e filmes que concentram a atenção de pessoas de várias facha-etárias e outro ponto seria as construções de grandes templos, uma das últimas maiores realizações foram a inauguração do enorme templo em São Paulo, em 2014, denominado de o “Templo de Salomão”, capaz de acomodar 10 mil pessoas (ARAÚJO, 2016).

Assim, é possível perceber que a IURD tem marcas tem características, como suas reuniões que possuem liturgias e práticas de libertação, ênfase na confissão de testemunhos positivos e na Teologia da Prosperidade; o uso maciço de rádios e da TV em todo o país; a abertura de templos em locais famosos como cinemas e teatros, e também por causa de sua atuação na política nacional, tendo vários representantes na câmara dos deputados, nos estados e em municípios.

#### 4 CAPÍTULO III: A CONVERSÃO

Para entender como se dá a relação das mulheres ciganas evangélicas nas suas comunidades tradicionais é necessário primeiramente descrevermos como e quando foram os primeiros contatos dos evangélicos com os ciganos.

Para tanto, utilizo o autor Marcos Toyansk Guimarães (2012, p. 167) que destacou na sua pesquisa “O Associativismo Transnacional Cigano: Identidade, Diásporas e Territórios” como se deu as aproximações iniciais:

Os primeiros contatos entre os evangélicos históricos e ciganos com o propósito de convertê-los ocorreram no século XIX, quando a International Bible Society de Londres enviou os primeiros missionários para os Pirineus e produziu as primeiras traduções do Novo Testamento para o romanês. Na Europa Oriental, a pregação evangélica começou no início do século XX, com os primeiros missionários chegando aos Bálcãs nos anos XX.

O pentecostalismo e neopentecostalismo, segundo Guimarães (2012), ganhou força por volta dos anos 50 (quando uma cigana foi milagrosamente curada) e desde então vem se tornando o mais importante movimento transnacional entre os ciganos. A corrente neopentecostal cigana iniciou no ano de 1952, no noroeste da França, através da liderança do pastor francês (não cigano) Clément Le Cossec, da igreja Assembleia de Deus em Brest, ele que consagrou a sua vida à evangelização dos ciganos. Como Cossec é considerado o personagem central do movimento evangélico entre os ciganos a nível mundial, ele será retomado nesse trabalho outras vezes.

Sobre a conversão dos ciganos ao cristianismo, Constantino Ferreira (2004) vai afirmar que Cossec, em 1952, batizou os primeiros ciganos convertidos e que iniciou a Missão Evangélica Cigana, enfatizando que o despertamento para a evangelização aos ciganos estava marcado pelo poderoso mover do Espírito Santo. O autor também descreve que a Igreja Cigana na França realizou a sua primeira Convenção ao ar livre em 1954, oferecendo aos ciganos a oportunidade de se juntarem para fortalecer a sua fé e levarem seus familiares e amigos a Jesus Cristo. Essa Convenção tornou-se um evento anual.

O movimento pentecostal cresceu de tal forma que Constantino garante que atualmente vivem em França aproximadamente 150.000 ciganos cristãos e que na Espanha tem o maior número

de ciganos crentes, 200.000. Na Índia, no entanto, onde se calcula que vivem cerca de 50 milhões de ciganos, dois terços da população mundial, é o lugar menos alcançado pela evangelização Cristã Pentecostal, segundo afirmação de Ferreira (FERREIRA, 2004, p. 4).

O filho do pastor Cossec, João Cossec juntamente com sua esposa, também dedicou sua vida à evangelização dos ciganos, como escreve Ferreira, eles têm sido missionários das Assembleias de Deus entre os ciganos desde o ano de 1978. Há duas décadas que o pastor João começou uma missão em Inglaterra, onde cerca de 40 por cento dos 50.000 ciganos são Pentecostais. Ferreira (2004) ainda acrescenta que João e sua esposa Nancy dedicam muito tempo em França, "viajando na sua caravana de um lugar para outro, tentando atingir uma quantidade maior de ciganos através da mensagem do Evangelho". Dos cerca de cinquenta milhões de ciganos no mundo, somente 500 mil são convertidos às doutrinas de Jesus Cristo, um por cento.

Temos atualmente poucos dados e estudos sobre os ciganos pentecostais no Brasil. Mas pesquisas no âmbito acadêmico tem sido feitas a fim de conhecê-los e assim contar a história desses. É o caso do grupo de estudantes de Jornalismo da PUC de Campinas que tem estudado os ciganos pentecostais da cidade. A estudante Thalita Sotero (2011) relata na sua pesquisa a existência da Igreja Assembleia de Deus Comunidade Cigana e a respeito dela escreve:

A igreja existe desde 24 de setembro de 1991 e de acordo com o pastor Jorge Ramos Aristides (líder cigano), ela surgiu pela vontade de Deus. "O povo cigano foi evangelizado por missionários que vieram da França e da Itália, para trazer a palavra de Deus para nós". A igreja de Campinas foi a primeira a se desenvolver para uma comunidade cigana no Brasil, logo após foram fundadas em outras cidades do país. Hoje, a Assembleia de Deus, comunidade cigana está presente em 52 países. E o fator que liga os ciganos ao cristianismo é espiritual, na igreja de Campinas fazem parte 550 membros e ela é a única da cidade.

A Igreja Assembleia de Deus Comunidade Cigana, conforme nos mostra Sotero (2011), realiza seus cultos na língua romanês, mostrando-nos dessa forma que a troca cultural é mútua. Não é apenas os ciganos que incorporam os costumes da igreja, mas a instituição se molda também às características da tradição cigana. Outro aspecto que esse encontro cultural nos apresenta é a preservação da língua cigana como forma de manter a tradição da cultura.

Confrontando o que é dito acima, utilizo o trabalho de Ana Paula Santos “Ciganos evangélicos portugueses: A conversão ao pentecostalismo” onde ela descreve vários aspectos a respeito das doutrinas e costumes das igrejas pentecostais em Portugal e assim nos é permitido perceber quão dinâmica pode ser essa relação. Assim Santos (2001, p. 537) escreve:

Percebida como uma instituição que não lhes foi imposta, mas antes como uma instituição que lhes pertence, administrada por eles próprios, os ciganos convertidos facilmente adoptam as regras ditadas pela Igreja: viver segundo os mandamentos da Bíblia. Na prática, trata-se de uma moral exigente que lhes impõe regras rígidas (sobretudo aos que aceitam o baptismo). Pedem-lhes que não bebam álcool, não usem drogas, nem armas. Rejeitam-se hábitos pouco salutareos como o roubo, o jogo, o tabaco, o adultério e, sobretudo, a violência. Além dessas regras, as mulheres que se baptizam têm umas quantas que lhes são especialmente dirigidas: devem usar apenas saias compridas, as blusas têm de ter mangas, devem ser sempre comedidas, sobretudo durante as festas (não podem dançar, por exemplo).

É interessante ressaltar que as mulheres ciganas evangélicas em Portugal, como descrito acima, tem que se adaptar às particularidades específicas da nova religião. A partir dessa realidade, proponho compreender quais foram os costumes da cultura cigana que foram abandonados e/ou incorporados à nova cultura. Questiono também quais aspectos da religião e da cultura pentecostal foram adaptados para a cultura cigana.

Buscando entender tais questões, estive visitando um acampamento cigano, situado no bairro Sacramento, mais propriamente na localidade chamada de Baixa d' égua. Lá conversei com duas ciganas (mãe e filha) que se converteram ao evangelho. Por questão de ética chamarei aqui a primeira de “cigana A” e a segunda de “cigana B”. A seguir, relato como se deu nosso encontro.

Ao chegar nesse acampamento, fui bem recebida e encontrei lá mãe e filha, com as quais conversei (minha intenção, a princípio, era apenas falar com uma delas, pois era quem eu conhecia, no caso, a “cigana A”). A “cigana B” tem atualmente 23 anos de idade e possui uma filha, ela diz que foi levada pela mãe à igreja algumas vezes e relatou que gostava da Palavra bíblica que era explanada pelos pregadores e pastores. Segundo ela, a Palavra transmitia paz e confortava o seu coração. Ela também relatou que se converteu no ano de 2007 na igreja Nova Geração Peniel, onde ela sentiu ser chamada por Deus para viver uma nova vida.

Após a conversão, a “cigana B” afirma não ser mais a mesma, pois vive uma vida feliz ao lado da sua família, desfruta de uma paz interior que antes não desfrutava e fortaleceu a sua fé

em Deus. Ela disse também que enfrentou algumas dificuldades em relação aos demais ciganos da comunidade, pois estes a viam como uma louca, uma vez que ela declarou que serviria a Deus e abdicaria de beber bebidas alcoólicas, como é de costume se fazer nas festas ciganas.

É importante destacar que a “cigana B” e as demais ciganas evangélicas que entrevistei continuam fazendo uso das suas vestimentas tradicionais, bem como dos seus enfeites. Elas, em nenhum momento, foram obrigadas ou incentivadas a mudarem as suas formas de vestir e de se enfeitar, ao contrário do que Ana Paula Santos escreve a respeito das regras específicas que as mulheres ciganas devem seguir no pentecostalismo, nenhuma regra lhes foi imposta, inclusive elas vão aos cultos nas suas respectivas igrejas trajadas tradicionalmente.

Já a cigana A tem 46 anos de idade, tem três filhos e se converteu por volta de 2003 (ela não se recorda exatamente o ano da sua conversão) e se batizou no ano de 2004, na igreja Assembleia de Deus. Ela conta que foi à igreja em busca de algo que acalmasse a tempestade que vinha enfrentando (seu marido foi preso e ela se viu sozinha no mundo). Ao se encontrar sozinha, sem a presença da figura masculina, que significa para as ciganas proteção e sustento, ela foi à procura de outras famílias ciganas com o intuito de encontrar ajuda para solucionar essa difícil situação. No entanto, foi rejeitada. Ela conta que só ouvia palavras que a colocava para baixo e não encontrou ninguém que a auxiliasse.

A cigana A afirma que na igreja encontrou apoio sentimental e financeiro de muitos integrantes. Ela contou ainda que o pastor que pastoreava a igreja na época alugou uma casa para ela, onde ficou por um bom tempo. Ela ressalta que a ajuda dos irmãos da igreja foi fundamental para que continuasse com forças para cuidar dos seus filhos. Ela diz que os seus primeiros passos como evangélica foram difíceis, justamente por não encontrar apoio em sua comunidade tradicional, isso porque ela deixou de participar de todas as festas costumeiras dos ciganos, bem como de beber bebidas alcoólicas.

Tendo em vista que estamos em frente a duas culturas bem distintas, que são a dos povos ciganos e a dos evangélicos, sobretudo os pentecostais, é obvio que há elementos em ambas as culturas que irão se fundir e/ou serão abandonados. Como disse o Laraia (1986) “nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura”. Isso porque cada indivíduo é diferente um do outro, mesmo compartilhando dos mesmos elementos, do mesmo espaço

geográfico. Os adeptos da Igreja Evangélica Adventista do 7º dia, por exemplo, não comem camarão e carne de porco, ao passo que os Evangélicos da Igreja Assembleia de Deus não se abstêm de alimento algum, a não ser do sangue e da carne sufocada (com sangue). Isso nos mostra claramente que pessoas de culturas semelhantes podem ter características bem peculiares, como o modo de comer, vestir, de falar etc.

Ainda em relação ao movimento pentecostal, Ana Paula Santos (2001) relata que os ciganos convertidos devem participar dos cultos o maior número possível de vezes e, sobretudo, transpor para a vida quotidiana o que aí lhes foi dito, como a própria bíblia relata que as palavras de Cristo devem ser praticadas e não meramente ouvidas. Santos (2011) também afirma que a missão dessa corrente é tentar converter pessoas com as quais contatem: o proselitismo da Igreja é direto e de grande sucesso. Uma das maiores consequências da introdução da Igreja no seio da comunidade cigana, apontada pelos próprios ciganos, é a sua capacidade em ajudá-los a afastassem das drogas, conforme afirma Santos (2001):

Uma das maiores consequências da introdução da Igreja no seio da comunidade cigana, apontada pelos próprios ciganos, é a sua capacidade em ajudá-los a afastar a droga. A toxicodependência tem-se revelado um dos maiores flagelos, afectando principalmente os homens, mas sobretudo os jovens (elemento vital à sobrevivência da etnia). A Igreja, que possui um centro de desintoxicação no Porto, tem contribuído à recuperação de muitos ciganos (uma percentagem elevada de pastores são ex-toxicodependentes) e é um importante elemento de prevenção junto à jovem geração.

Dialogando com Santos (2001), reitero que as consequências da entrada de ciganas nas comunidades evangélicas são, ao mesmo tempo, múltiplas e únicas, pois as igrejas têm modelos de liderança e doutrinas diferente uma das outras e assim traduzem maneiras diversas para as ciganas e não ciganas (os) de viverem a cultura pentecostal (no que tange os usos e costumes desse movimento). Nem todas as ciganas convertidas se comportarão da mesma maneira, uma continuará a participar das festas tradicionais (como o exemplo da cigana B), enquanto outra irá abandonar completamente, isso depende de cada pessoa na sua individualidade.

**Figura 3** - Ciganas evangélicas



Fonte: Ângela Reis (2016).

O autor Toyansk Guimarães (2012) também relata sobre o impacto que o pentecostalismo traz para a identidade cigana, dizendo que os ciganos ganham uma nova identidade religiosa e novas fronteiras étnicas, dessa forma passando por um processo de reinvenção cultural. O autor afirma que há uma significativa mudança no estilo de vida, como por exemplo, hábitos de fumar e beber bebidas alcoólicas são abandonados.

Pude in loco, através dos relatos das ciganas mencionadas acima, dialogar com o que é afirmado pelos autores acima no que toca o abandono das práticas de beber e fumar (por aquelas que faziam o uso, pois nem todas as mulheres ciganas fazem o uso de álcool e do fumo), uma vez que elas afirmaram que se afastaram das bebidas. No entanto, “a cigana B” destaca que continua participando das festas de casamento e dos ajustes (noivados) como antes, continua dançando como outrora, pois não vê nessas ações nada que possa desagradar a Deus.

A figura da cigana, geralmente, está ligada à prática da leitura das mãos, no entanto, nem todas as ciganas utilizam essa prática, como a exemplo das ciganas que entrevistei, elas disseram que nenhuma mulher da família praticou tal ato.

**Figura 4** - Cigana evangélica



Fonte: Diógenes Padilha (2016).

Ainda buscando compreender as relações das mulheres ciganas evangélicas dentro das suas comunidades tradicionais, fui até a casa de mais uma cigana, a qual denominei de “cigana C”, onde conversamos de forma bem descontraída a respeito de diversos assuntos que tangem a cultura cigana e a evangélica. A seguir destaco os principais pontos da nossa conversa.

A “cigana C” mora na Invasão do bairro da Nova Santo Amaro, tem 32 anos e atualmente está casada com o seu segundo marido, cujo nome é Lindivaldo, um não cigano. Ela se casou pela primeira vez aos 16 anos com um cigano, desse casamento teve sua primeira filha (esta que também colaborou para a realização dessa pesquisa); ela confessou que o seu primeiro casamento não seguiu em frente porque foi muito maltratada pelo seu cônjuge, por isso ela o abandonou e voltou para a casa de seus pais.

Quando questionada sobre o motivo que a levou a participar de uma igreja evangélica, ela respondeu que foi a partir da influência de seu atual marido, pois ele começou a frequentar a Igreja Internacional da Graça e sempre falava para ela acerca da história de Jesus. Ela relatou

que, após fazer algumas visitas na igreja, sentiu um chamado especial de Deus para sua vida e então decidiu segui-lo. Sua conversão se deu na Igreja Pentecostal Caminho para Cristo, uma pequena congregação nascida em Santo Amaro – BA que tem características neopentecostal.

Ela afirma que, antes da sua conversão ao Evangelho era uma pessoa extremamente oprimida, não dormia com tranquilidade, pois tinha visões ruins que a assombrava. Ela também disse que consumia bebidas alcoólicas e fumava com frequência, tentado dessa forma, preencher o vazio que sentia dentro de si, no entanto, ela enfatiza que vivia muito triste, retraída e não possuía paz.

Esta cigana ainda relatou que após a sua entrada no Evangelho, teve a vida modificada. Ela disse que passou a ter novos hábitos diários, passou a fazer a leitura da Bíblia Sagrada e a fazer orações para Deus. Ela também abandonou a prática de fumar e beber bebidas alcoólicas e atualmente, com 06 anos que pertence ao cristianismo, ela diz ter paz e viver em um lar abençoado por Deus.

Além de abandonar tais práticas, a “cigana C” também disse ter deixado de lado a idolatria, na qual tinha sido ensinada por sua mãe a prestar culto a santa Rita (umas das santas pertencentes ao Catolicismo Romano) e a Moça Ciça. Pedi explicação sobre quem seria a Moça Ciça e ela apenas me respondeu que era uma senhora muito respeitada pelos ciganos, aparentemente uma curandeira, que realizava várias curas, inclusive fazia operações no coração.

A “cigana C” confessou também que sofreu muita perseguição por parte de alguns ciganos e ciganas após a sua conversão. Ela relatou que quando passava pela rua era zombada, muitos riam dela e não a queriam por perto. Ela destaca que vários de seus amigos ciganos abandonaram a amizade que tinham com ela, por causa da sua nova posição.

Apesar das perseguições, ela continuou indo para a igreja e passou a falar a respeito de Jesus Cristo para os seus familiares. “C” explicou que através disso, sua mãe também se converteu ao evangelho e também abandonou várias práticas, dentre elas, a leitura de mãos e a venda de objetos que ela acreditava que trazia sorte e afastava o mau olhado, como a figa.

Assim, entende-se que o processo de conversão das mulheres ciganas ao pentecostalismo em Santo Amaro se apresenta de forma diversificada, pois nesse processo está incluso igrejas

diversas, ciganas que se apresentam diferentes em suas individualidades e vários costumes culturais que podem convergir ou divergir quando entram em contato.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer desse trabalho foi possível verificar quais as práticas culturais ciganas que foram abandonadas e congregadas em detrimento dos elementos da cultura pentecostal. E para tanto, alguns dos costumes da cultura cigana e parte dos elementos do Pentecostalismo, bem como características de igrejas pentecostais foram apresentadas e assim, deram base para o entendimento de singularidades de ambas as culturas.

Através da pesquisa de campo com as mulheres ciganas evangélicas da cidade de Santo Amaro – BA, onde estas descreveram sobre as suas experiências nas respectivas igrejas as quais pertencem, foi possível registrar quais os motivos responsáveis pela conversão das ciganas ao evangelho e entender quais foram os impactos resultantes dessa conversão na relação familiar e na vivência em comunidade com os ciganos não evangélicos.

Tendo em vista o que foi exposto até o momento, é possível afirmar que a relação das mulheres ciganas evangélicas com suas comunidades tradicionais se alterou após a conversão. As ciganas convertidas são vistas de forma diferenciada pela sua comunidade, ao passo que estas abandonaram alguns dos costumes típicos da cultura cigana, como o participar das festas de acampamento. Por outro lado, essas mulheres guardam consigo ensinamentos conquistados em suas famílias dos quais não abrem mão, antes os mantêm vivos para a preservação da cultura cigana.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE JÚNIOR, Lourival. Os ciganos e os processos de exclusão. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 33, n. 66, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882013000200006>>. Acesso em: 20 set. 2016.
- ARAÚJO, Isael de. **História do movimento Pentecostal no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.
- AZEVEDO, Ana Cláudia. Etnias de Portugal: o caso dos ciganos. **Revista de Estudos Interculturais**, [S. l.], 2013. Disponível em: <<http://livrozilla.com/doc/287980/ana-cl%C3%A1udia--%E2%80%9Cetnias-de-portugal--o-caso-dos-ciganos%E2%80%9D>>. Acesso em: 20 set. 2016.
- BASTOS, Jose Gabriel Pereira (Org.). **Portugueses ciganos e ciganofobia em Portugal**. Lisboa: Colibri, 2012.
- BÍBLIA. 2013. Português. **A Bíblia Sagrada**: contendo o Velho e o Novo Testamento. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2013.
- BORGES, Franco Andrei; COSTA, Kely Alves. Um pouco sobre os ciganos em Uberlândia - MG. **Revista Percurso**, Maringá, v. 3, n. 2, p. 149-165, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/13842>>. Acesso em: 20 set. 2016.
- CAIRUS, Brigitte Grossmann. Entre tradição e cibernética: a representação da cultura cigana na ficção contemporânea “Explode Coração”. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, 2., Florianópolis, 2014. **Anais...** Florianópolis: UDESC, 2014. Disponível em: <<http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/tempopresente/paper/viewFile/231/149>>. Acesso em: 20 set. 2016.
- CAVALHEIRO, Adriana. **O encanto de uma linda cigana do oriente**. [S. l.], 2013. Disponível em: <<http://encantodaciganadooriente.blogspot.com.br>>. Acesso em: 20 set. 2016.
- CORDOVA, Thiago de. **História da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Ijuí**. 2012. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Departamento de Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2012. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2834/tiagotccfinal.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 set. 2016.
- FERNANDES, Rubeneide Oliveira Lima. **Movimento Pentecostal, Assembleia de Deus e o estabelecimento da educação formal**. 2006. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006. Disponível em: <<https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/ALFTDYXGHISV.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2016.
- FERREIRA, Constantino. **Os ciganos pentecostais: movimento vigoroso**. Monte Esperança: Fanhões, 2004.

GUIMARAIS, Marcos Toyansk Silva. **O associativismo transnacional cigano**: identidade, diásporas e territórios. 2012. 231 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <[http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-22022013-124150/publico/2012\\_MarcosToyanskSilvaGuimaraes\\_VCorr.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-22022013-124150/publico/2012_MarcosToyanskSilvaGuimaraes_VCorr.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2016.

IBGE. **Censo 2010**. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 set. 2016.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

MOONEN, Frans. **Políticas ciganas no Brasil e na Europa**. Recife, 2013. Disponível em: <[http://www.amsk.org.br/imagem/pdf/FMO\\_2013\\_Pol%C3%ADticasCiganasBrasilEuropa.pdf](http://www.amsk.org.br/imagem/pdf/FMO_2013_Pol%C3%ADticasCiganasBrasilEuropa.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2016.

PADILHA, Diógenes de Jesus. **Acampamentos Ciganos e ciganas evangélicas**. Santo Amaro, BA, 2016.

PROJETO ENCONTROS. **Observatório sociodemográfico das comunidades ciganas**. [S. l.], 2010.

REIS, Ângela. **Acampamentos Ciganos e ciganas evangélicas**. Santo Amaro, BA, 2016.

SANTOS, Ana Paula. Ciganos evangélicos portugueses: a conversão ao pentecostalismo. **Anales de Historia Contemporánea**, v. 17, 2001. Disponível em: <<http://revistas.um.es/analeshc/article/view/56811/54771>>. Acesso em: 20 set. 2016.

SOTERO, Thalita Gallucci. **Ciganos Rom**. [S. l.], 2011. Disponível em: <<http://romciganos.blogspot.com.br>>. Acesso em: 20 set. 2016.

**APÊNDICE - Questionário****Nome:****Idade:****Estado Civil:****Quais os motivos te levaram à uma Igreja Evangélica?**

-----  
-----  
-----

**Quais mudanças (se ocorreram, no modo de vestir, costumes diários etc.) ocorreram após a conversão?**

-----  
-----  
-----

**A relação com o seu grupo familiar foi alterada em algum aspecto?**

-----  
-----  
-----